

Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SMEC
Coordenadoria de Ensino e Apoio Pedagógico – CENAP

**REFERENCIAIS TEÓRICOS QUE DÃO SUSTENTAÇÃO AO
CICLO DE ESTUDOS BÁSICOS (CEB)¹**

**Texto 2.2: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE EMÍLIA FERREIRO
E ANA TEBEROSKY**

A partir dos anos 80, observa-se no cenário educacional um progressivo “desinvestimento” no estudo de métodos de ensino, também chamado de “desmetodização”, ou seja, a ausência de método para alfabetizar, visto que emergem publicações, estudos, pesquisas e discussões sobre a Teoria Construtivista de Jean Piaget, as Teorias Sócio-interacionistas de Lev Vygotsky e Henri Wallon, e os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky sobre a Psicogênese da Língua Escrita. Estes/as autores/as compreendem que o conhecimento não está nem no sujeito (racionalismo) e nem no objeto (empirismo). Pelo contrário, dá-se pela interação ou pelas trocas do sujeito com objeto (interacionismo), onde ambos se transformam. Assim sendo, a aquisição de conhecimentos depende tanto das estruturas cognitivas do sujeito como de sua relação com o ambiente. Entretanto, vale ressaltar que o construtivismo é uma construção científica que procura extrair leis explicativas dos fenômenos, sem se preocupar com a aplicação prática. Por isso, não é certo afirmar que o construtivismo seja um método de ensino, já que esta teoria psicológica da aprendizagem volta-se para compreensão de como o sujeito aprende e não para a questão de como o/a professor/a deve ensinar.

O construtivismo não é um método de ensino, voltado para como o/a professor/a deve ensinar, pelo contrário, é uma teoria psicológica da aprendizagem que tem como objeto a psicogênese da inteligência e dos conhecimentos, portanto, voltada para como o sujeito aprende.

Antes da entrada do construtivismo no cenário educacional brasileiro, as práticas alfabetizadoras eram (e ainda são) baseadas na memorização das correspondências entre sons e letras, reduzindo a aprendizagem da língua a um conjunto de sons a serem representados por letras. A alfabetização era entendida como mera sistematização do “B + A = BA”, isto é, como aquisição de um código fundado na relação entre fonemas e grafemas. A partir dos estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, a língua escrita deixa de ser encarada como mera apropriação de um código ou como meros atos de codificação e decodificação de palavras, sílabas e letras, passando a ser concebida como sistema de representação. Estes estudos evidenciam o caminho que as crianças percorrem no aprendizado da língua, definido por elas de psicogênese ou gênese (origem, geração) do conhecimento da escrita. Tais estudos foram baseados na epistemologia genética de Jean Piaget.

A Psicogênese da Língua Escrita é uma abordagem psicológica de como a criança se apropria da língua escrita e não um método de ensino. Portanto, cabe aos profissionais da educação, fazer a transposição desta abordagem para a sala de aula, transformando os estudos em atividades pedagógicas.

Segundo Magda Soares², a perspectiva construtivista trouxe diferentes e importantes contribuições para a alfabetização.

[...] Alterou profundamente a concepção do processo de construção da representação da língua escrita, pela criança, que deixa de ser considerada como dependente de estímulos externos para aprender o sistema de escrita, concepção presente nos métodos de alfabetização até então em uso, hoje designados tradicionais, e passa a sujeito ativo capaz de progressivamente (re)construir esse sistema de representação, interagindo com a língua escrita em seus usos e práticas sociais, isto é, interagindo com material para ler, não com material artificialmente produzido para aprender a ler; os chamados para a aprendizagem *pré-requisitos* da escrita, que caracterizariam a criança pronta ou madura para ser alfabetizada - pressuposto dos métodos tradicionais de alfabetização - são negados por uma visão interacionista, que rejeita uma ordem hierárquica de habilidades, afirmando que a aprendizagem se dá por uma progressiva construção do conhecimento, na relação da criança com o objeto língua escrita; as dificuldades da criança, no processo de construção do sistema de representação que é a língua escrita – consideradas deficiências ou disfunções, na perspectiva dos métodos tradicionais - passam a ser vistas como erros construtivos, resultado de constantes reestruturações.

De acordo com a Psicogênese da Língua Escrita, o aprendizado do sistema de escrita não se reduziria ao domínio de correspondências grafo-fonêmicas (a decodificação e a codificação), mas se caracterizaria como um processo ativo no qual a criança, desde seus primeiros contatos com a escrita, constrói e reconstrói hipóteses sobre a sua natureza e o seu funcionamento.

Os pressupostos dessa abordagem psicológica são:

- O aprendizado do sistema de escrita alfabética não se reduz a um processo de associação entre grafemas (letras) e fonemas (sons).
- O sistema de escrita alfabética não é um código que se aprende por memorização e fixação, pelo contrário, é um objeto de conhecimento que foi construído socialmente.

A alfabetização na perspectiva construtivista é concebida como um processo de construção conceitual, contínuo, iniciado muito antes da criança ir para escola, desenvolvendo-se simultaneamente dentro e fora da sala de aula. Alfabetizar é construir conhecimento. Portanto, para ensinar a ler e escrever faz-se necessário compreender que os/as alfabetizando/as terão que lidar com dois processos paralelos: as características do sistema de escrita e o uso funcional da linguagem.

(...) a criança procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala à sua volta, e... tratando de compreendê-la, formula hipóteses, busca regularidades, coloca à prova suas antecipações e cria sua própria gramática. (...) ao tomar contato com os sistemas de escrita, a criança, através de processos mentais, praticamente reinventa esses sistemas, realizando um trabalho concomitante de compreensão da construção e de suas regras de produção/decodificação.³







Segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky, as crianças elaboram conhecimentos sobre a leitura e escrita, passando por diferentes hipóteses – espontâneas e provisórias – até se apropriar de toda a complexidade da língua escrita. Tais hipóteses, baseadas em conhecimentos prévios, assimilações e generalizações, dependem das interações delas com seus pares e com os materiais escritos que circulam socialmente.

Para a Teoria da Psicogênese, toda criança passa por níveis estruturais da linguagem escrita até que se aproprie da complexidade do sistema alfabético. São eles: o pré-silábico, o silábico, que se divide em silábico-alfabético, e o alfabético. Tais níveis são caracterizados por esquemas conceituais que não são simples reproduções das informações recebidas do meio, ao contrário, são processos construtivos onde a criança leva em conta parte da informação recebida e introduz sempre algo subjetivo. É importante salientar que a passagem de um nível para o outro é gradual e depende muito das intervenções feitas pelo/a professor/a.

Os níveis de escrita, segundo a Psicogênese da Língua Escrita:

- **ESCRITA PRÉ-SILÁBICA:** o/a alfabetizando/a não compreende a natureza do nosso sistema alfabético, no qual a grafia representa sons, e não idéias, como nos sistemas ideográficos (como, por exemplo, a escrita chinesa).

Nesta fase, ele/a representa a escrita através das seguintes hipóteses:

- REPRESENTAÇÃO ICÔNICA: expressa seu pensamento através de desenhos, não tendo a noção de escrita no sentido propriamente dito. Escrever é a mesma coisa que desenhar.	TOMATE =  CAVALO =  PÃO = 
- REPRESENTAÇÃO NÃO ICÔNICA: Além do desenho, expressa seu pensamento através de garatuja ou rabiscos (representação não-icônica); aqui, a criança inicia o conceito de escrita, mas ainda não reconhece as letras do alfabeto e seu valor sonoro.	TOMATE =  CAVALO =  PÃO = 
- LETRAS ALEATÓRIAS: já conhece algumas letras do alfabeto, mas as utiliza aleatoriamente, pois não faz nenhuma correspondência sonora entre a fala e a escrita. Para escrever é preciso muitas letras.	TOMATE = ARMSBD CAVALO = AMTOEL PÃO = ATROCDG
- REALISMO NOMINAL: a criança acha que os nomes das pessoas e das coisas têm relação com os seus tamanhos. Se perguntar a criança: qual a palavra maior: BOI ou FORMIGUINHA? Ela dirá: BOI é uma palavra GRANDE e FORMIGUINHA uma palavra PEQUENA, atentando para o tamanho dos animais. A superação do realismo nominal se dará no fim da fase da escrita pré-silábica.	
- Ao ler palavras e orações, não marca a pauta sonora.	

- **ESCRITA SILÁBICA:** divide-se em escrita silábica e escrita silábica-alfabética.

Na **ESCRITA SILÁBICA**, a criança supõe que a escrita representa a fala. É a fase que se inicia o processo de fonetização; nesta fase, ela tenta fonetizar a escrita e dar valor sonoro as letras. Cada sílaba é representada por uma letra com ou sem conotação sonora. Em frases pode escrever uma letra para cada palavra. Desvincula o objeto da palavra escrita.

Escrita silábica sem valor sonoro: a criança escreve uma letra ou sinal gráfico para representar a sílaba, sem se preocupar com o valor sonoro correspondente.	TOMATE= RTO CAVALO= BUT PÃO= TU
Escrita silábica com valor sonoro: a criança escreve uma letra uma letra para cada sílaba, utilizando letras que correspondem ao som da sílaba; às vezes usa só vogais e outras vezes, consoantes.	TOMATE= TMT / OAE / TAT / OME CAVALO= CVL / AAO / AVO / CAL PÃO= PU / AO

Na **ESCRITA SILÁBICA-ALFABÉTICA** a criança apresenta uma escrita algumas vezes com sílabas completas e outras incompletas. Ou seja, ela alterna escrita silábica com escrita alfabética, pois omite algumas letras.

TOMATE = TMAT CAVALO = CVALU PÃO = PA O CAVALO PISOU NO TOMATE = UCVALUPZONUTMAT

- **ESCRITA ALFABÉTICA:** a criança faz a correspondência entre fonemas (som) e grafemas (letras). Ela atinge a compreensão de que as letras se articulam para formar palavras. Escreve como fala, ou seja, vê a escrita como transcrição da fala, não enxergando as questões ortográficas.

TOMATE = TUMATI
 CAVALO = KAVALU
 PÃO = PAUM
 O CAVALO PISOU NO TOMATE = UKAVALU PIZONU TUMATI

No processo de construção da aprendizagem da língua escrita, do ponto de vista da Teoria da Psicogênese, o/a professor/a deve considerar que:

- As hipóteses conceituais provisórias que as crianças fazem sobre a escrita não são “erradas”, “falta de conhecimento” ou até mesmo patológica. Devem ser consideradas como “erros construtivos”, já que é um processo de atividade constante em que a criança está elaborando hipóteses e alargando seu campo de conhecimento lingüístico.
- O reconhecimento das hipóteses de escrita não deve se transformar em um recurso para categorizar as crianças, mas sim estar a serviço de um planejamento de atividades que considere as suas representações e atenda suas necessidades de aprendizagem.
- A questão dos diferentes níveis, nas salas de aula de alfabetização, deixa de ser característica negativa para assumir papel de importância no processo ensino aprendizagem, onde a interação entre os/as alunos/as é fator imprescindível.
- A criança depois que se apropria da escrita alfabética, enfrenta inúmeros problemas ortográficos e morfosintáticos, considerados normais para a fase em que se encontra. Porém, cabe ao professor/a fazer intervenções significativas para que ela se aproprie da escrita ortográfica.

Os principais problemas que emergem quando as crianças se apropriam da escrita alfabética são⁴:

Leitura	
✓ Confusão de letras (trocas).	✓ Decodificação sem compreensão.
✓ Soletração sem aglutinação.	✓ Leitura soletrada
Escrita	
✓ Transcrição fonética: tumati – kavalu = tomate – cavalo	
✓ Segmentação indevida: utumati = o tomate, com seguiu = conseguiu.	
✓ Juntura vocabular – uka valu = o cavalo, agente = a gente.	
✓ Troca do ão pelo am , i por u (e vice versa): paum = pão.	
✓ Ausência de nasalização: troca de m por n ou til (vice e versa): comseguiu – cõsegiu = conseguiu.	
✓ Supressão ou acréscimo de letras.	
✓ Troca de letras / origem das palavras (etimologia): zino = sino, geito = jeito.	
✓ Escrita não segmentada: UKAVALUPIZONUTUMATI = o cavalo pisou no tomate.	
✓ Não registra sílabas de estruturas complexas: os dígrafos, o padrão consoante-consoante-vogal, a vogal dos encontros consonantais: vido – vidro.	
✓ Escrita sem significado (letras aleatórias).	
✓ Frases descontextualizadas.	
✓ Textos sem seqüência lógica.	
✓ Escrita espelhada: d por b, p por q.	
✓ Repetição de elementos de ligação.	
✓ Hipercorreção: coloo – colou, medeco – médico.	

Intervenções para superação

- ✓ Antes da produção de qualquer texto, deve-se fazer um momento preparatório e trabalhar sempre com os modelos.
- ✓ Informar os tipos de texto que vai produzir ou reescrever.
- ✓ Fazer a correção do texto:
Combinar com os/as alfabetizando/as todos os procedimentos e fazer “legenda” para correção do texto. Ou seja, para cada tipo de dificuldade criar uma legenda, como, por exemplo:
 - V: ERRO DE ORTOGRAFIA.
 - +: SEGMENTAÇÃO INDEVIDA.
 - ▲: JUNTURA.
 - ☼: PONTUAÇÃO.
 - ☺: USO DE LETRAS MAIÚSCULA.
 - ♥: TROCA DE LETRAS.
 - □: ENGOLIR LETRAS – SUPRESSÃO.

TRANSPOSIÇÃO DA PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA

SITUAÇÕES DIDÁTICAS ENVOLVENDO OS NÍVEIS DE ESCRITA DA ESCRITA PRÉ-SILÁBICA A ESCRITA ALFABÉTICA

LETRAS

Letras do alfabeto: Jogos de alfabeto de materiais e tamanhos diferentes. Letras móveis para o/a aluno/a montar espontaneamente palavras. Bingo e memória de letras. Atividades de escrita com letras.

Nomeação e identificação: Criar tiras com o alfabeto e figuras para serem materiais de consulta.

Análise das formas posições das letras: Atividades de escrita para o/a aluno/a analisar, por exemplo, quantas pontas têm o H, quantas retas e utiliza no traçado do A, M, E, , quantas curvas temas letras C, P, etc.

Valor sonoro – relação letra/som: jogos de memória com figura e letra inicial. Bingo de figuras. Alfabeto vivo.

PALAVRAS

Nome próprio: Crachá com nome e foto ou desenho (auto-retrato feito pelo/a alfabetizando/a). Montar o nome com letras móveis. Bingo de nomes, de fotos e/ou auto-retrato. Dominó de nomes (letra inicial / nome). Painel de chamada com cartões de nomes.

Análise da lingüística da palavra: Letra inicial e final, número de letras, letras repetidas, vogal, consoante. Atividades de escrita com palavras.

Memorização de palavras significativas: Atividades de escrita. Listas de palavras.

Conservação da escrita de palavras: Atividades de escrita: complete, forca, enigma, “stop”, cruzadinha. Listas de palavras.

FRASES E TEXTOS

Sentido-direção da escrita: Produção coletiva de listas, receitas, bilhetes, recados, etc (sendo o/a professor/a o/a escriba). Ler para o/a alfabetizando/a (apontando sempre onde está lendo).

Vinculação do discurso oral com texto escrito: Leitura de história e reescrita espontânea individual ou produção coletiva. Escrita de história vivida pelos/as alunos/as.

Junção de letras na formação das sílabas: Listas de palavras. Atividades de escrita: complete, forca, enigma, “stop”, cruzadinha.

ESCRITA PRE-SILÁBICA	ESCRITA SILÁBICA	ESCRITA SILÁBICA- ALFABÉTICA	ESCRITA ALFABÉTICA
<ul style="list-style-type: none"> • Iniciar pelos nomes dos/as alfabetizando-as escritos em crachás, listados no quadro e/ou em cartazes. • Trabalhar com textos conhecidos de memória, para ajudar na conservação da escrita. • Identificar o próprio nome e depois o de cada colega, percebendo que nomes maiores podem pertencer às crianças menores e vice-versa; • Organizar os nomes em ordem alfabética, ou em “galerias” ilustradas com retratos ou desenhos; • Criar jogos com os nomes: “lá vai a barquinha”, dominó, memória, boliche, bingo; • Fazer contagem das letras e confronto dos nomes; • Confeccionar gráficos de colunas com os nomes seriados em ordem de tamanho (número de letras). Fazer estas mesmas atividades utilizando palavras do universo dos/as alfabetizando/as: rótulos de produtos conhecidos ou recortes de revistas (propagandas, títulos, palavras conhecidas). • Classificar os nomes pelo som ou letra inicial, pelo número de letras, registrando-as; 	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer listas e ditados variados (de alfabetizando/as ausentes e/ou presentes, de livros de histórias, de ingredientes para uma receita, nomes de animais, questões para um projeto). • Trabalhar com textos conhecidos de memória, para ajudar na conservação da escrita. • Ditado de palavras do texto. • Análise oral e escrita do número de sílaba, sílaba inicial e final das palavras do texto. • Lista de palavras com a mesma sílaba final ou inicial; • Escrever palavras dado a letra inicial; • Ligar desenho a primeira letra da palavra; • Usar jogos e brincadeiras (forca, cruzadinhas, caça-palavras); • Organizar supermercados e feiras; fazer “dicionário” ilustrado com as palavras aprendidas, diário da turma, relatórios de atividades ou projetos com ilustrações e legendas; • Propor atividades em dupla (um dita e outro escreve), para reescrita de notícias, histórias, pesquisas, canções, parlendas e trava-línguas. • Produção de textos, ditados, listas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ordenar frases do texto; • Completar frases, palavras, sílabas e letras das palavras do texto; • Dividir palavras em sílabas; • Formar palavras a partir de sílabas; • Ligar palavras ao número de sílabas; • Produção de textos, ditados, listas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Investir em conversas e debates diários. • Possibilitar o uso de estratégias de leitura, além da decodificação. • Considerar o “erro” como construtivo e parte do processo de aprendizagem. • Produção coletiva de diversos tipos de textos. • Análise linguística das palavras. • Reescrita de texto (individual / coletiva). • Revisão de texto. • Atividades de escrita: complete, forca, enigma, stop, cruzadinha, lacunado, caça-palavra.

<ul style="list-style-type: none"> • Copiar palavras inteiras; • Contar número de letra ou palavra de uma frase; • Pintar intervalos entre as palavras; • Completar letras que faltam de uma palavra; • Ligar palavras ao número de letras e a letra inicial; • Circular ou marcar letra inicial ou final; • Circular ou marcar letras iguais ao seu nome ou palavra-chave. • Produção de textos, ditados, listas. 			
--	--	--	--

OBSERVAÇÃO

É de fundamental importância que o/a professor:

- ✓ Iniciar o processo de alfabetização com textos que os/as alfabetizando/as conheçam de memória, para ajudar na conservação da escrita e na relação entre o escrito e o falado. Ele/a deverá sugerir que as crianças acompanhem a leitura com o dedo, apontando palavra por palavra.
- ✓ Trabalhar com modelos estáveis de escrita, como, por exemplo, lista de palavras do texto, para que se possa conservar a escrita.
- ✓ Fazer sempre a análise e a reflexão lingüística das palavras, confrontando as hipóteses de escrita dos/as alfabetizando/as com a escrita convencional, ou seja, entre o padrão oral e o padrão escrito.
- ✓ Propiciar atos de leitura e escrita para as crianças para que elas aprendam ler lendo e a escrever escrevendo, por meio de atividades significativas e contextualizadas. Elas deverão ler textos mesmo quando ainda não sabem ler convencionalmente, apoiando-se inicialmente na memória e ilustração.
- ✓ Trabalhar em pequenas equipes, agrupando os/as alfabetizando/as conforme os níveis próximos de escrita. Isto garante que crianças com diferentes níveis possam confrontar suas hipóteses, gerando conflitos cognitivos e avanços conceituais.
- ✓ Propor atividades, por meio de situações problemas, que as crianças possam resolver e colocar em jogo o que sabem, para aprender o que ainda não sabem. Isto garantirá o trabalho com a auto-estima e o autoconceito dos/as alfabetizando/as, que são imprescindíveis para o processo de aprendizagem. Porém, evitar que crianças com o mesmo nível de escrita sejam agrupadas entre si, já que a intenção do agrupamento heterogêneo é interação e a troca de conhecimentos entre os/as alfabetizando/as com diferentes hipóteses de escrita.
- ✓ Na sala de aula deve conter: cartazes com o alfabeto escrito em letras maiúsculas e minúsculas, cursiva e bastão; só com as vogais, só com as consoantes; com os números; com o nome da escola e do/a professor/a; Listas com os nomes dos/as alfabetizando/as, dos/as aniversariantes, palavras, frases e textos (que circulam socialmente) trabalhados. Em outras palavras, fazer da sala de aula um ambiente rico em atos de leitura e escrita, que é propício para a alfabetizar letrando, isto é, ensinar ler e escrever por meio das práticas sociais de leitura e escrita.

REFERENCIAS

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1997.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

KAUFMAN, Ana Maria & RODRIGUEZ, M.H. **Escola, Leitura e Produção de Textos**. Porto Alegre: Artmed Editora.

TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da linguagem escrita**. Campinas. Editora Trajetória Cultural/UNICAMP.

TEBEROSKY, Ana e TOLCHINSKY, Liliana (org.). **Além da Alfabetização. A aprendizagem Fonológica, Ortográfica, Textual e Matemática**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

NOTAS

¹ O texto aborda alguns conceitos da Psicogênese da Língua Escrita, de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, que é um dos referencias que dão sustentação teórica ao CEB. Tem a finalidade de subsidiar o saber-fazer pedagógico do/a professor/a para que ele/a possa promover ações educativas reais e significativas, à luz dos constructos teóricos.

² Citação extraída artigo Letramento e alfabetização: as muitas facetas, de Magda Soares, apresentado na 26ª Reunião Anual da ANPED.GT Alfabetização, Leitura e Escrita. Poços de Caldas, 7 de outubro de 2003.

³ Citação extraída do livro Psicogênese da Língua Escrita, de Emília Ferreiro e Ana Teberosky.

⁴ Quadro extraído Maleta Pedagógica, publicação da Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Salvador para os 1º e 2º anos do Ciclo de Estudos Básicos (CEB).

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA – SMEC

“Ninguém liberta ninguém. Tampouco ninguém se liberta sozinho. Homens e mulheres se libertam em comunhão, por intermédio do conhecimento do seu ser e estar no mundo.”



“Ninguém aprende sozinho. Tampouco ninguém ensina ninguém. Educadores/as e educandos/as aprendem em comunhão, mediatizados/as pelos conhecimentos e saberes.”

COORDENAÇÃO DE ENSINO E APOIO PEDAGÓGICO – CENAP
ESPAÇO PEDAGÓGICO VIRTUAL: TEIAS DE CONHECIMENTOS E SABERES
cenapvirtual@salvador.gov.br